

CRÍTICA DE PROCESSOS DE CRIAÇÃO NO ÂMBITO AFRO-INDÍGENA-BRASILEIRO.

Diego Alexandre de Souza¹

Carlos Alberto Rocha²

Este texto deriva da comunicação apresentada no dia 10 de setembro de 2018, no auditório I do Instituto de Filosofia e Ciências Humanas da Universidade Estadual de Campinas, na mesa intitulada: Disputas Narrativas I – Arte, Identidade e Relações Raciais. A apresentação "Crítica de processos de criação em Artes Visuais no âmbito afro-indígena brasileiro" observou os artistas e suas obras enquanto elementos heterotópicos - eixos de deslocamentos constantes, que mobilizam afetos, identidades, singularidades, coletividades, emaranhados de emoções. Heterotopia enquanto conceito referente ao pensamento do filósofo Michel Foucault, e que se tece em agenciamentos nas redes e nos fluxos da genealogia de Georges Didi-Huberman: temporalidades e espacialidades que se inter-relacionam por diversas camadas de significação.

Nossa reflexão também levou em conta, os escritos da Professora Doutora da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo Cecília Almeida Salles. Parcela significativa do que nós buscamos compreender como crítica de processos de criação está relacionado aos escritos: *O Gesto Inacabado*, sobre crítica genética, livro lançado nos anos 90; e o livro posterior: *Redes de Criação - Construção da Obra de Arte*. Justamente, esse último livro retrabalha, reformula o termo crítica genética, e propõe a crítica de processos criativos.

(...) para que os documentos dos artistas não se transformem em meras ilustrações das teorias. Nestes casos, os conceitos perderiam seu poder

¹ Mestrando em Educação (linha de pesquisa: Linguagem e Arte em Educação) pela Faculdade de Educação da Universidade Estadual de Campinas - UNICAMP

² Graduando em Artes Visuais (bacharel e licenciatura) pelo Instituto de Artes da Universidade Estadual de Campinas - UNICAMP

heurístico, ou seja, a pesquisa ofereceria muito pouco retorno no que diz respeito a descoberta sobre o ato criador. Por outro lado, se o que buscamos é a melhor compreensão da complexidade que envolve o processo criativo, não podemos lançar mão de conceitos teóricos isolados, como, por exemplo, percepção ou acaso (ou quaisquer outros). Acredito que devemos discutir a criação com o auxílio de um corpo teórico de conceitos organicamente inter-relacionados. (SALLES, 2006, p. 15).

O que nós nominamos como "âmbito afro-indígena-brasileiro", se refere a nossa apresentação de três artistas oriundos do universo não-europeu e não-estadunidense, muito embora sejam artistas partícipes do circuito e sistema artístico contemporâneo tradicional.

Esses três artistas são: Ibrahim El-Salahi, Rosana Paulino e Jaider Esbell. El-Salahi é africano, nascido em Sudão; Paulino é natural de São Paulo, nascida na capital do Estado; Esbell nasceu no Estado de Roraima, é pertencente ao povo Macuxi, vive entre a cidade e a aldeia que está baseada em área indígena Yanomami. Na comunicação foram apresentados três vídeos curtos, nos quais os próprios artistas se mostraram e falaram de suas biografias, suas poéticas e de suas respectivas obras.

Ibrahim Mohammed El-Salahi nasceu em 1930, em Omdurman, uma das maiores cidades do Sudão. Tendo origem muçulmana, seu pai geria uma escola corânica, onde o artista deu os primeiros passos na arte da caligrafia, motivo bastante presente em sua poética.

Sua formação artística inicia-se na Escola de Design da que hoje é a Universidade de Khartoum. Nessa primeira etapa de sua carreira, ele se dedica, sobretudo, à pintura. Logo em seguida, percorrendo a trilha recorrente aos modernistas africanos, como os artistas Skunder Boghossian, Dumile Feni, Ernest Mancoba, Gerard Sekoto, Malangatana Ngwenya, Osman Waqialla.

El-Salahi passou por um período de estudos no exterior. De 1945 a 1957 frequentou a Slade School of Fine Arts em Londres, aprimorando-se na pintura e na caligrafia. Entre 1964 e 1965 estudou fotografia em preto e branco na Columbia University em Nova Iorque. Tal formação cosmopolita permeia sua obra por meio do amálgama das culturas africana, islâmica e europeia. De 1969-72, foi Adido Cultural Adjunto da Embaixada do Sudão em Londres e posteriormente, Subsecretário do Ministério da Cultura e da Informação no Sudão.

Ibrahim El-Salahi lecionou na Universidade Makerere, em Kampala, Uganda; trabalhou também por anos em Doha, Qatar. El-Salahi se tornou o primeiro artista africano a receber uma retrospectiva no Tate Modern Museum, em Londres, esta exposição aconteceu no ano de 2013. Seus

trabalhos artísticos podem ser encontrados em coleções de prestígio como a do Tate Modern, em Londres; a do MoMA, em Nova York; a do Museu Johnson, Mathaf; a do Museu Árabe de Arte Moderna de Doha; e do Museu Nacional de Arte Africana.

Questionado sobre qual lugar sua obra ocupa no panorama artístico do século XX, o artista disse:

When asked recently whether he considers himself a modernist, El-Salahi smiled and said, “I am a picture maker. Whether a modernist or traditionalist . . . I prefer to say I’m a picture maker, no more and no less. (HYNES, 2014, p. 105).

Rosana Paulino nasceu em São Paulo-SP, em 1967. Ela é desenhista, gravurista e pintora. Graduada em Artes Plásticas pela Escola de Comunicações e Artes da Universidade de São Paulo (ECA/USP), e doutora em Artes na linha de pesquisa Poéticas Visuais pela mesma instituição. Na primeira metade dos anos 1990 aprimorou-se em técnicas de gravura no ateliê de restauro de obras de arte do Museu de Arte Contemporânea da Universidade de São Paulo (MAC/USP). Frequentou a oficina livre de gravura no ateliê do Museu Lasar Segall e foi premiada na exposição coletiva *Visibilidade Nascente III* do MAC/USP. Durante a graduação, teve significativa visibilidade com sua obra “Parede da Memória” (1994) exposta na Mostra de Seleccionados do Centro Cultural São Paulo (CCSP). Foi convidada pelo curador Tadeu Chiarelli, a compor a exposição *Fotografia Contaminada*, também no CCSP. Formou-se em Artes Plásticas com habilitação em gravura na ECA/USP em 1995. Em 1998, foi à Inglaterra cursar especialização em gravura pelo London Print Studio, em Londres, com bolsa concedida pela Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (Capes). Voltou ao Brasil e, a partir de 1999, passou a ministrar aulas como professora autônoma nas áreas de desenho e gravura, e passou a orientar projetos artísticos, como também se dedicou a participar de exposições individuais e coletivas, no Brasil e no exterior. Em 2010, se tornou Doutora em poéticas visuais pela ECA/USP com a tese *Imagens de Sombras*, orientada por Evandro Carlos Jardim. No mesmo ano, ganhou o 1º Prêmio Nacional de Expressões Afro-Brasileiras, na modalidade Artes Visuais. Em 2012, fez residência artística no Tamarinde Institute da Universidade do Novo México, em Albuquerque, Estados Unidos, com os artistas Sidney Amaral (1973) e Tiago Gualberto (1983), entre outros. A produção desses artistas resultou nas exposições *Afro: Black Identity in America and Brazil*, nos Estados Unidos, e *Brasileiros e americanos na litografia do Tamarinde Institute*, no Museu Afro Brasil em São Paulo. Rosana foi em 2017, professora visitante no Instituto de Artes da UNICAMP.

A seguir, eis um breve depoimento da artista, publicado em 1997, no livro *Panorama da Atual Arte Brasileira 1997*, que muito contribui para a compreensão dos processos da artista:

Sempre pensei em arte como um sistema que devesse ser sincero. Para mim, a arte deve servir às necessidades profundas de quem a produz, senão corre o risco de tornar-se superficial. O artista deve sempre trabalhar com as coisas que o tocam profundamente. Se lhe toca o azul, trabalhe, pois, com o azul. Se lhe tocam os problemas relacionados com a sua condição no mundo, trabalhe, então, com esses problemas.

No meu caso, tocaram-me sempre as questões referentes à minha condição de mulher e negra. Olhar no espelho e me localizar em um mundo que muitas vezes se mostra preconceituoso e hostil é um desafio diário. Aceitar as regras impostas por um padrão de beleza ou de comportamento que traz muito preconceito, velado ou não, ou discutir esses padrões, eis a questão.

Dentro desse pensar, faz parte do meu fazer artístico apropriar-me de objetos do cotidiano ou elementos pouco valorizados para produzir meus trabalhos. Objetos banais, sem importância. utilizar-me de objetos do domínio quase exclusivo das mulheres. Utilizar-me de tecidos e linhas. Linhas que modificam o sentido, costurando novos significados, transformando um objeto banal, ridículo, alterando-o, tornando-o um elemento de violência, de repressão. O fio que torce, puxa, modifica o formato do rosto, produzindo bocas que não gritam, dando nós na garganta. Olhos costurados, fechados para o mundo e, principalmente, para sua condição de mundo.

Apropriar-me do que é malvisto. Cabelos. Cabelo 'ruim', 'pixaim', 'duro'. Cabelo que dá nó. Cabelos longe da maciez da seda, longe dos comerciais de shampoo. Cabelos de negra. Cabelos desvalorizados. Cabelos vistos aqui como elementos classificatórios, que distinguem entre o bom e o ruim, o bonito e o feio. Pensar em minha condição no mundo por intermédio do meu trabalho. Pensar sobre as questões de ser mulher, sobre as questões da minha origem, gravadas na cor da minha pele, na forma dos meus cabelos. Gritar, mesmo que por outras bocas estampadas no tecido ou outros nomes na parede. Este tem sido meu fazer, meu desafio, minha busca. (PAULINO, 2011, p. 88).

Jaider Esbell, nasceu em 1979, é artista, escritor e produtor cultural indígena da etnia Makuxi. Nasceu em Normandia, estado de Roraima no norte do Brasil, e viveu, até aos 18 anos, onde hoje é a Terra Indígena Raposa – Serra do Sol (TI – Serra do Sol). É artista que se dedica as Artes Visuais e a literatura. O trabalho de Esbell enviesa ainda mais o caos das expressões humanas e não humanas. As forças da floresta, dos seres, emanam da arte do "filho do tempo", de todas as influências: ancestralidade, conhecimento, memória, diálogos, plasticidade contemporânea, política global, o ser local, xamanismo visual, poder. Palavra, imagem, som, silêncio – comunicação em todas as linguagens. A arte de Esbell exige, para além dos sentidos, imersão.

Jaider Esbell, escreveu sobre Arte na revista Select, em 2018, refletindo sobre as conjunturas dos povos indígenas e do sistema de arte contemporânea atual:

(...) Antes, devo dizer que, como autor me construo de representatividade; e a socialização desse pensamento compreende bem mais que a minha posição individual sobre tão vasto universo. Não há como falar em arte indígena contemporânea sem falar dos indígenas, sem falar de direito à terra e à vida. Há mesmo que se explicar o porquê de chamarmos arte indígena e não ao contrário. Na história da literatura especializada sobre arte contemporânea produzida no Brasil, não temos autores artistas indígenas. Nesse sentido o componente novo surpreende por seu protagonismo histórico. Convidamos a um inteiro desconstruir para outros preenchimentos. (ESBELL, 2018, p. 98).

O âmbito afro-indígena-brasileiro é um campo novo na História da Arte do Brasil, traz em seu bojo a emergência das poéticas que transbordam para além dos domínios de um panorama artístico tradicionalmente eurocentrado e que a partir da Segunda Grande Guerra passou a estar orientado pelos movimentos norte-americanos.

As poéticas "outras", nos levam e corroboram para encontros com desterritorializações provocadas por Walter Benjamin, nas noções convencionais do tempo; nas suas teses na área da epistemologia e da crítica sobre a filosofia da história (BENJAMIN, 1985), na qual aparições, que se dão nas malhas do aqui e do agora - de uma presentidade - de um objeto histórico, desvela e revela a multiplicidade de platôs nas redes de um pretérito subjacente (SANTAELLA, 2016). A famosa noção de aura em Benjamin (agenciada em fluxos dialéticos), enredada pela imagem nas bordas da visibilidade, encontra eco:

no seu dom de visibilidade (...), permanecerá sob a autoridade da lonjura que só se mostra aí para se mostrar distante, ainda e sempre, por mais próxima que seja sua aparição. (...) Uma obra de ausência que vai e vem sob nossos olhos e fora de nossa visão. (...) É a partir de tal paradoxo que devemos compreender o segundo aspecto de aura que é o de um *poder do olhar* atribuído ao próprio olhado pelo olhante: "isto me olha". Tocamos aqui o caráter evidentemente fantasmático dessa experiência. (...) É assim que se entrelaçam, na aura, a onipotência do olhar e a de uma memória que se percorre com quem se perde numa "floresta de símbolos. (DIDI-HUBERMAN apud SANTAELLA, L. 2016, p. 73).

Os trabalhos dos artistas apresentados, pertencentes ao contexto afro-indígena-brasileiro, promovem alargamentos de compreensão estética, e mais ainda, promovem fruição acerca de modos de vida, modos de existência que escapam aos sedimentados valores hegemônicos (que atualmente passam por profundas desconstruções). Os tempos longínquos dos universos indígenas e africanos revelam idiosincrasias e mistérios incomensuráveis. Os tempos próximos revelam dor e desigualdade.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- BENJAMIN, W. *Sobre o conceito de história. Em Obras escolhidas. Magia e técnica. Arte e política.* São Paulo: Brasiliense, 1985.
- DIDI-HUBERMAN, G. *O que vemos, o que nos olha.* Rio de Janeiro: Ed. 34, 2010.
- ESBELL, J. Arte indígena contemporânea. *Revista Select*, ano 07, n. 39, 2018.
- FOUCAULT, M. Outros espaços. In: *Ditos e escritos III. Estética: Literatura e pintura, música e cinema.* MOTTA, Manoel Barros da (org.). Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2015.
- MUSA, H. Stories from El-Salahi's garden. *Tate Etc. Magazine*, issue 28, summer 2013.
- HYNES, N.J. "Being in Now": Ibrahim El-Salahi at the Tate Modern. *Nka – Journal of contemporary african art*, issue 34, spring, 2014.
- PAULINO, R. *Imagens de sombras.* Tese (doutorado). Universidade de São Paulo (USP). São Paulo: 2011.
- SANTAELLA, L. A matriz heterotópica na obra de Didi-Huberman. *Paralaxe – revista de estética e*

FIGURAS



Figura 1 – Ibrahîm El-Salâhi. *Visions of the tomb*, 1965.



Figura 2 – Ibrahîm El-Salâhi. *Sem título*, s.d.



Figura 3 – Ibrahîm El-Salâhi. *Sem título*, s.d.

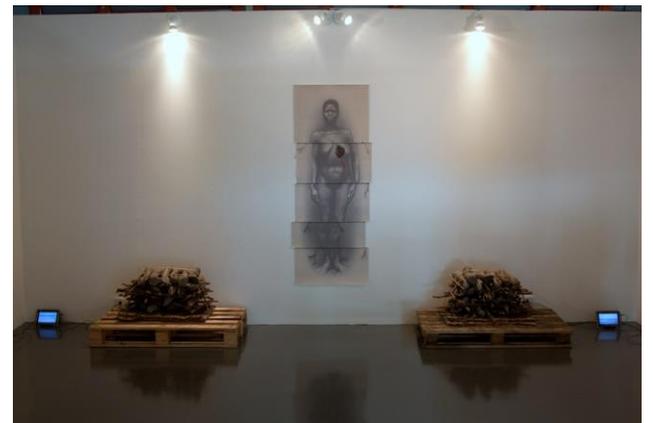


Figura 4 – Rosana Paulino. *Assentamento*, 2013.



Figura 5 – Rosana Paulino. *É tão fácil ser feliz*, 1995.



Figura 6 – Rosana Paulino. *Série bastidores*, 1997.



Figura 7 – Jaider Esbell. *Zoomorfo*, 2016.



Figura 8 – Jaider Esbell. *Pata Ewa'n – o coração do mundo*, 2016.



Figura 9 – Jaider Esbell. *A árvore de todos os saberes*, 2013.